

TRIBUTO A GIMENES

Luciano Lirio

Fiquei sensibilizado com o texto de Márcio Carvalho, “Felix Gimenes, lições de simplicidade”. Márcio sintetizou com maestria nosso convívio com Gimenes, a conjunção constante de simplicidade e verdade.

O primeiro nome Felix nem era lembrado; Gimenes sem Doutor, esse era o nome, tipicamente espanhol, que despertava nossa curiosidade. Seria argentino? Não, nem de longe. Seria espanhol? Um paulista espanhol? E a falta do dedo indicador direito, o que teria sido?

Hoje, o Google teria satisfeito, ao menos em parte, nossa curiosidade. Mas, o desconhecimento da origem e da história do analista favoreceu a expansão do imaginário e, no clima de mistério, as fantasias nos levaram ao conhecimento de nós mesmos.

Tinha um sorriso discreto; para alguns seria seco; para mim era verdadeiro, ele era avesso à sedução. Era o que era, dedicado ao seu ofício, nada de aparências. Falava com simplicidade e sensibilidade, sem escancarar teorias. Uma conversa íntima e fluida. O foco era a realidade psíquica e nada mais interessava.

Houve períodos em que fazíamos duas sessões ao dia durante 15 dias seguidos. Inicialmente nos pareceu impossível ter assunto para tanto. O fato é que eu saía da sessão da noite com a cabeça a mil; infinitas associações...

Quando Gimenes chegou em Brasília, encontrou um grupo de psiquiatras e psicanalistas, ávido de análise pessoal. Ele ainda não era didata, e por esse motivo não entramos na segunda turma de formação. Eu estava tão empolgado com a minha análise, que esperar pela terceira turma foi um fato natural. A formação viria a seu tempo.

Nessa época o país vivia uma grande desordem na economia. A inflação era terrível e sacrificava os brasileiros. As passagens de avião eram reajustadas quase mês a mês. Aí vinham os reajustes das sessões. Eram momentos tensos e de difícil aceitação. Uma coisa é saber a realidade, a outra é lidar com as emoções. Tentávamos repassar os reajustes para os nossos pacientes. Outro campo de batalha. Custear a análise não foi fácil, mas, viver com entusiasmo a descoberta de potencialidades psíquicas não tinha preço. Lembro-me da sensação de liberdade quando me dei conta de que era possível pensar, imaginar, fantasiar

as coisas mais loucas sem enlouquecer.

Antes de Virgínia, na década de 60, alguns psicanalistas vieram a Brasília pensando em se instalar aqui. Mas Virgínia, desde Londres, já tinha esse sonho e em 1970 veio pela primeira vez. Penso no modelo da fecundação: não é o primeiro espermatozoide que chega aquele que entra no óvulo. É preciso algo mais. Foi para nós um encontro fértil. Depois, outros psicanalistas estiveram rodeando a professora. Visitavam a cidade, conversavam com ela, que me perguntava: o que achou desse? Eu nem sabia o que dizer. Ela dizia: esse não. Não vai dar certo. Já tenho uma pessoa. Acho que vai dar. E deu certo. Era o nosso analista, Felix Gimenes, que trouxe a consolidação da psicanálise em Brasília, naquele momento histórico.

Quando encerramos a análise, ficou um gosto de quero mais. Criamos um grupo de estudos de Bion: a Márcia, a Maria Helena, o Márcio, o François, e eu. Interessante é que era o mesmo Gimenes: calmo, ponderado, cuidadoso, sério, minucioso.

Veza por outra, Odisseia, sua mulher, me dizia: peça aos seus colegas para não fumarem durante a reunião. A fumaça faz muito mal a ele.

No último ano, estive com Gimenes algumas vezes. Aos 96 anos, a memória recente falhando, mas a passada, em muitos aspectos, preservada. O olhar continuava penetrante e atento, produzindo em mim um reencontro com o trabalho psíquico de lidar com a finitude.

Nossos agradecimentos ao querido e sempre lembrado Gimenes. A Odisseia, que sempre deu força à decisão da mudança para Brasília e empreendeu com coragem a construção da casa da QL 14, nosso segundo ponto de análise.



Luciano Lirio é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.